

# PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA EM UMA PERSPECTIVA CRÍTICA E REFLEXIVA

Fernanda Marques Fernandes  
Graduanda e bolsista PIBID/Pedagogia/CAMEAM/UERN  
[fernanda.mf1@hotmail.com](mailto:fernanda.mf1@hotmail.com)

Francisco Hamaral Nunes de Freitas  
Graduando e Bolsista PIBIC/Pedagogia/CAMEAM/UERN  
[hamaral.2006@hotmail.com](mailto:hamaral.2006@hotmail.com)

Maria Imaculada da Conceição Aquino  
Graduanda/Pedagogia/CAMEAM/UERN  
[imaculadaaquino17@hotmail.com](mailto:imaculadaaquino17@hotmail.com)

Zênia Regina dos Santos Barbosa  
Professora orientadora/CAMEAM/UERN  
[zrbsantos@gmail.com](mailto:zrbsantos@gmail.com)

**Resumo:** no presente artigo iremos verificar a identidade do professor de geografia em uma perspectiva crítica e reflexiva. Como método de pesquisa adotamos a descritiva, onde fizemos uma entrevista, contendo questões objetivas, o mesmo foi aplicado com duas professoras que lecionam a disciplina de Geografia na Escola Municipal Avelino Pinheiro, localizada na cidade de São Miguel/RN. Nessas entrevistas percebemos através das respostas dos entrevistados a necessidade de o professor estar sempre refletindo sobre o processo de ensino, visando aulas que possuam objetivos, conteúdos e métodos que supram as necessidades de seus alunos. Onde o mesmo constrói a sua identidade através de uma prática socioconstrutivista, baseada no diálogo e na relação professor/aluno, e também com as experiências diárias que são vivenciadas dentro do âmbito escolar.

**Palavras-chave:** Geografia. Identidade Profissional. Prática Docente.

## 1 Considerações Iniciais

Tendo em vista que o processo de identidade profissional é construído ao longo da vida do sujeito, e nós enquanto futuros docentes seremos autores deste processo se faz de fundamental importância o estudo sobre este assunto, uma vez que o professor deve ter sua prática baseada numa perspectiva crítica e reflexiva para que possa ter um bom desempenho frente a sua função de educador e, conseqüentemente na construção da sua identidade.

Desta forma, o objetivo maior desse estudo é compreender como se dá o processo da construção da identidade profissional, em especial aqui a do professor de geografia, procurando investigar se este reflete sobre a sua prática dentro e fora do âmbito escolar, buscando sempre inová-la para atingir o seu objetivo, e se este também procura desenvolver o processo de ensino-aprendizagem de seus educandos.

Utilizaremos os estudos de Gomes (2008), Libâneo (2001), Oliveira e Gomes (2013), Nóvoa (1995), Sól (s.d.), Pereira (1996), Cavalcanti (2012), entre outros, que tratarão de concepções acerca dos assuntos: identidade, reflexão sobre a prática docente, professores de geografia em uma perspectiva crítica e reflexiva, bem como, a transição de uma geografia tradicional para uma nova geografia que possibilita a produção de saberes e o processo investigo que proporciona um melhor aprendizado por parte dos sujeitos envolvidos no contexto escolar.

Assim, a reflexão acerca do tema se dará inicialmente através de uma fundamentação teórica, tentando compreender os autores e suas discussões. Depois nos voltaremos para a análise dos resultados de uma pesquisa realizada na Escola Municipal Avelino Pinheiro, localizada na cidade de São Miguel – RN, onde entrevistamos duas professoras que lecionam a disciplina de geografia.

## **2 O professor de geografia e a sua identidade profissional: abordagem crítica e reflexiva**

Tendo em vista que trataremos do processo de formação da identidade profissional de professores de geografia, iniciaremos a discussão com o conceito de identidade dado por Gomes (2008, p. 3), no qual, seria “um conjunto de características pelas quais alguém pode ser reconhecido”. Diante das palavras dadas pelo autor, percebemos então que a identidade é algo típico e/ou característico de alguém, sendo por meio dessas características, reconhecido.

Nessa perspectiva, é possível identificar três tipos de identidade: a *identidade pessoal* que é uma característica peculiar e individual que cada sujeito possui; a *identidade social* que é construída através do coletivo, por grupos que buscam desenvolver objetivos em comum, havendo sempre a interação, a partilha, a construção e o compromisso para que a meta do grupo seja alcançada com êxito; e por último a *identidade profissional*, que segundo Libâneo (2004, p. 81) é caracterizada como “... o conjunto de conhecimentos, habilidades, atitudes de valores que definem e orientam a especificidade do trabalho de professor...”.

Assim, cada profissão possui uma *identidade profissional* que a caracteriza, quando ouvimos o nome de um ofício imediatamente nos vem à mente vários atributos do

mesmo, por exemplo, sua função, seus instrumentos utilizados e/ou necessários, o comportamento de seu profissional e principalmente sua utilidade para a sociedade.

Sendo assim, a identidade profissional do professor deve estar aberta as variações e as adaptações necessárias para se alcançar as metas exigidas pela constante transformação da sociedade; essas mudanças, sejam elas nos setores econômico, político, social ou cultural, exigem que o docente seja capaz de habituar-se ao novo contexto da escola e do aluno e as mudanças tecnológicas, desenvolvendo e/ou procurando métodos de ensino que melhor auxiliem aos discentes em seu aprendizado.

Desse ponto de vista, se assumirmos que a docência tem como particularidade a arte de ensinar necessitaríamos compreender que a simples formação inicial não possui subsídios suficientes para o correto exercício da função sendo imprescindível uma formação continuada para suprir as necessidades exigidas pela profissão. Durante essa formação inicial e continuada, o profissional vai criando e modificando sua própria identidade pessoal e ao mesmo tempo contribuindo para a formação da identidade profissional. Lembrando que essa formação implica em um investimento pessoal, livre e criativo que parte de suas próprias metas, de seus próprios projetos, com vista à construção dessa identidade.

Ao se tratar da formação de professores Só1 (s.d.), vem nos dizer que a questão da reflexão é um assunto muito discutido nas últimas décadas, ou seja, a necessidade de formar professores críticos e reflexivos. Essa necessidade surgiu após estudos que mostraram que muitos professores chegam às escolas com pouca experiência e marcado por crenças que desfavorecem o seu desenvolvimento profissional e intelectual. A prática reflexiva deve ser uma promoção de conscientização que beneficiará tanto os formadores quanto os formandos, essa conscientização é fundamental na formação, pois como afirma Pereira (1996, p. 51), o professor deve ter consciência do seu verdadeiro papel no processo de ensino-aprendizagem, por mais diversificado que seja o seu método ele não deve perder sua identidade de professor, podendo comprometer ou dificultar o processo de ensino-aprendizagem, no qual ele deveria facilitar.

Como conceito o termo reflexão é bastante utilizado ao se tratar de mudanças no âmbito educacional, justamente por ser definida como um processo de investigação oriunda de uma dúvida buscando-se a partir dela solucionar problemas, a reflexão é utilizada para fazer com que o professor liberte-se da prática mecânica e/ou decorativa, como seria o caso da disciplina de geografia que por muitos anos tinha esse caráter apenas decorativo ou descritivo – a chamada geografia tradicional, destacada por Pereira (1996) – sem levar em conta a criticidade nem a reflexão.

Nesta mesma perspectiva, podemos afirmar que a prática reflexiva é uma análise contínua da própria prática do professor, sendo que o professor reflexivo é aquele que reconhece a grandeza da sua experiência, fazendo com que a reflexão seja um processo investigativo da sua própria formação enquanto docente.

Segundo Sól (s.d.), o grande desafio nos cursos de formação de professores no território brasileiro, é preparar profissionais capacitados para criticar sua própria prática, a fim de que haja promoção de mudanças na esfera educacional. A reflexão sobre a prática pedagógica na formação de professores contribui no sentido de romper com o padrão tecnicista, aquele que se baseia apenas em técnicas para a formação dos educadores, além da promoção de autonomia.

Um professor deve estar preparado para refletir sobre sua prática, pois, ao fazer uma crítica de sua própria prática o professor estará automaticamente refletindo se se encontra trabalhando de forma correta, se sua atual prática é suficiente para alcançar os objetivos da mesma. O docente também deve estar preparado para modificar sua prática a partir de suas reflexões, nunca dando um método de trabalho como correto ou ideal. Lembrando que um posicionamento crítico não deve ser usado apenas na prática, mas também em seu cotidiano, na realidade vivenciada, seja no contexto pessoal ou mundial.

Portanto, cabe ao professor organizar métodos que estimulem as atividades dos alunos, sendo estas atividades mediadas pelo professor. Essa prática deve também promover uma interação dos alunos entre si e destes com o professor, bem como a valorização da cultura e da sociedade como um todo, levando em conta os interesses dos alunos, o contexto em que estes estão inseridos e o nível de aprendizagem de cada um, de forma que haja sempre a sistematização lógica dos conhecimentos adquiridos ao longo do processo.

Para Pereira (1996, p. 51), quando o professor utiliza um método tradicional, no caso da geografia, ele está agindo com uma prática pedagógica onde o professor seria o único possuidor do conhecimento, e este, por sua vez, seria formado de muitas informações e pouco raciocínio. Este tipo de atitude torna o ensino, uma situação mecanizada, onde o docente só transmite e ao aluno cabe apenas absorver o que foi transmitido, tornando-se um sujeito passivo.

É imprescindível que o professor não se considere o detentor de todo o conhecimento, o mesmo deve incentivar o aluno a tomar um posicionamento, incitando-os e conduzindo-os a uma reflexão crítica de duas possibilidades: a) autorreflexão do que dissestes; b) uma reflexão do que foi dito pelo professor. Para tanto o docente deve estar

preparado para ser questionado pelos seus alunos, como resultado haverá uma interação professor-aluno, onde ambos desenvolverão o senso crítico.

Cunha (1989, p. 66-67) vem nos dizer que o objeto de estudo do professor é o conhecimento, que por sua vez, dirige o comportamento cotidiano do mesmo. Esse conhecimento é construído dia após dia, mas não é resultante apenas do convívio escolar, provém também de outros âmbitos, sejam eles sociais, religiosos, políticos ou culturais.

O professor possui práticas e saberes que são resultantes de uma apropriação que este faz da prática e dos saberes histórico-sociais durante toda a sua vida. Esta assimilação é uma ação que se diferencia e varia de sujeito para sujeito e é perceptível no comportamento adotado por cada professor.

Após as discussões levantadas acima, e de suma importância trazermos algumas características que permeiam o ser docente. Assim, utilizaremos a autora Cavalcanti (2012, p. 19), que coloca o papel do professor como o de contribuir para a formação cultural dos alunos, sendo que para exercer esse papel plenamente é necessário que o mesmo como profissional esteja consciente de sua própria formação.

Seguindo o raciocínio do parágrafo anterior podemos afirmar que a formação inicial não é suficiente para que o docente desenvolva sua função com qualidade, necessita-se de uma *formação constante*, contínua, havendo sempre uma reflexão coletiva dentro do âmbito escolar, partilhando as experiências, fazendo com que estas sirvam de suporte positivo para esta formação. Também é importante que os professores estejam atentos as informações diárias que acontecem em seu contexto e em todo o mundo para expandir seu universo cultural, para que assim possam atender melhor as necessidades dos discentes.

Além de uma formação continuada cabe ao docente estar atendo a *construção da identidade*. A mesma deve ser valorizada, sendo um processo de elaboração que se estende ao longo da vida do sujeito, estando sempre em processo de transformação essa identidade também é formada pelas experiências vivenciadas dentro da sala de aula através da sua prática, com base nesses dados a autora Cavalcanti (2012) destaca três elementos indispensáveis para a construção da identidade do professor: a história de vida, a formação e a prática pedagógica.

Ainda é papel do docente permanecer sempre aberto para *novas aprendizagens*, o que significa dizer que ele está sempre aprendendo e ensinando, pois ele se coloca também como sujeito da aprendizagem, tornando-se assim um professor crítico, que deve apresentar sempre como função o desenvolvimento dos alunos, para que estes possam ter uma formação adequada para o exercício da cidadania.

Ainda é de crucial importância que a formação do professor não se fundamente exclusivamente no *conteúdo específico* no qual vai ensinar, faz-se necessário que o professor tenha uma gama de conhecimentos que abranja as mais diversas áreas de conhecimento para que sua atuação como mediador seja de qualidade e capaz de formar seres críticos e reflexivos tanto nas áreas do conhecimento como para a sociedade no geral.

Para que o professor desenvolva uma boa identidade profissional, necessita-se de abordagens críticas e reflexivas, onde ele aprenda a exercer sua profissão através de diversos caminhos baseando-se em teorias de ensino e aprendizagem e nas experiências cotidianas, tendo como função central: a melhoria da sua prática de ensino com o objetivo de promover uma melhor aprendizagem para seus alunos.

Tendo em vista as discussões acima levantadas a cerca da formação da identidade profissional de professores, bem como da necessidade de formar professores críticos e reflexivos, partiremos agora para as discussões referentes ao ensino de geografia, que sofre inúmeras críticas por muitos acreditarem que esta é apenas uma disciplina meramente decorativa e mecanizada.

Nas últimas décadas inúmeros trabalhos foram produzidos denunciando um ensino fragilizado pautado em uma Geografia Tradicional, tais trabalhos propunham ainda a renovação do ensino, criando uma Geografia nova, alicerçada em fundamentos críticos. No Brasil, destacam-se os trabalhos de A. Oliveira (1989), Resende (1986), R. Pereira (1989), Moreira (1987), entre outros; esse movimento renovador “faz parte de um conjunto de reflexões mais gerais sobre os fundamentos epistemológicos, ideológicos e políticos da ciência geográfica, iniciado no final da década de 1970” (CAVALCANTI, 1998, p.18).

Cavalcanti em um estudo anterior (1995) constata em uma análise de textos e documentos referentes aos encontros e congressos nacionais um significativo aumento em discussões no que diz respeito aos fundamentos da Geografia e seu papel desempenhado na sociedade, no ensino e em outras instituições sociais por volta de 1980. Essas discussões gravitavam em torno, não apenas dos fundamentos, mas também das análises no tocante aos conteúdos veiculados pelo Ensino de Geografia.

Durante esse período de discussão as obras que mais se destacaram foram as de Lacoste (1974, 1988), visto que ele tratava, segundo Cavalcanti (1998), da função ideológica da Geografia na escola e dos fundamentos – ou da falta deles – teóricos e metodológicos da ciência geográfica. Cavalcanti ainda cita Moreira (1992) ao conjecturar papel crucial de Lacoste no impulso inicial das reflexões que levaram à renovação da Geografia no Brasil.

O movimento renovador criticava a Geografia Tradicional e a Geografia Quantitativa, vigentes nesse período, foi a partir dessas críticas que aflorou as reflexões à cerca da concepção dialética no ensino, o que propiciou o surgimento da Geografia Crítica.

Entre as propostas de reformulação do ensino podemos citar as discussões guiadas para uma prática geográfica cumprindo papéis politicamente direcionados aos interesses populares. De acordo com Cavalcanti, ao se seguir essa perspectiva, “os estudiosos alertam para a necessidade de se considerar o saber e a realidade do aluno como referencia para o estudo do espaço geográfico” (CAVALCANTI, 1998, pág. 20), dessa forma haverá uma maior compreensão do social, já que estaremos tratando diretamente com uma realidade e um espaço com o qual o aluno convive, gradativamente deixando de lado o estudo meramente quantitativo e descritivo muito vigente na Geografia.

Esses movimentos renovadores tiveram pouco efeito nos ensinamentos fundamental e médio, isso se deve, principalmente, porque houve pouca disseminação dessas propostas entre os professores; tal fato pode ser explicado pela dificuldade enfrentada pelos professores em investir em seu desenvolvimento intelectual, em uma formação continuada. Existem outros pontos que ajudam a explicar essa pouca disseminação das propostas, como por exemplo, a fragilidade dos programas de capacitação docente; e as deficiências dos próprios programas de divulgação das análises e propostas produzidas.

O Ensino de Geografia não precisa de um movimento que modifique todos os seus métodos, o que ela necessita é de reflexões que debatam sobre métodos de encaminhar atividades cotidianas de ensino sem que isso seja tomado como um simples ato de repassar fórmulas. Nessa perspectiva, é necessário que o professor reflita sobre o processo de ensino, visando aulas que possuam objetivos, conteúdos e métodos que supram as necessidades de seus alunos.

É importante ver a escola como um espaço de encontro e de conflitos de saberes, onde através desses conflitos são estabelecidos processos investigativos que suscitam o pensar e o agir crítico e reflexivo, seja dos educandos e/ou educadores. Nessa perspectiva a escola é um espaço multicultural onde opiniões divergem e se compactuam, devido a essa diversidade.

Assim a geografia escolar acaba por ser também um espaço que lida com essa miscigenação cultural, procurando romper por si mesma com os preconceitos e procurando soluções para uma melhor convivência social. Isso é um conhecimento ético que os alunos levaram por toda a sua vida daí a necessidade da coexistência escolar e desses conflitos, pois, é a partir deles que docentes e discentes aprenderam a conviver por si mesmos na sociedade fora do espaço escolar.

É indispensável que nesse espaço multicultural que é a escola, o professor saiba escolher procedimentos metodológicos que levem em consideração a bagagem social que cada aluno traz de seu contexto, bem como realizar um trabalho inovador sem esquecer alguns procedimentos que são essenciais para o ensino de geografia, tais como o trabalho com mapas, cartografias, gráficos e tabelas, de uma forma mais dinâmica e flexível, devendo ser entendidas pelo aluno, como atividades que propiciam a aquisição de conhecimentos e de habilidades e não como algo meramente obrigatório.

Diante de tudo o que foi visto, podemos destacar que o professor vai construindo a sua identidade através de uma prática sociocostrutivista, baseada no diálogo e na relação professor/aluno, e também com as experiências diárias que são vivenciadas dentro do âmbito escolar.

### **3 Procedimentos metodológicos e resultado da pesquisa**

A fim de pesquisarmos sobre o processo de construção da identidade profissional de professores de geografia, trabalhamos na perspectiva da pesquisa qualitativa. Compreendemos que esta é uma fonte direta de dados retirados do ambiente natural, no qual, possui como principal instrumento o pesquisador, verifica-se que a mesma é uma pesquisa descritiva em que os investigadores se retêm mais aos processos do que o resultado, onde os dados são analisados de maneira indutiva, dando mais importância aos significados. Assim compreende-se a pesquisa qualitativa como um:

[...] processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação. Esse processo implica em estudos segundo a literatura pertinente ao tema, observações, aplicações de questionários, entrevistas e análise de dados, que deve ser apresentada de forma descritiva. (OLIVEIRA, Maria Marly, 2008, p. 37).

Desta forma, na pesquisa qualitativa, nós enquanto pesquisadores, observamos, descrevemos, analisamos, recolhemos dados e correlacionamos fatos e fenômenos, a fim de descobrirmos sua relação e sua ligação com os outros e com o contexto natural, buscando conhecer as mais distintas relações e situações que ocorrem na vida social, política, cultural entre todos os aspectos individuais ou coletivos.

Dentre os tipos de pesquisa qualitativa (bibliográfica, experimental, estudo de caso, exploratória, documental, participativa, etnográfica, pesquisa-ação e exploratória), optamos pela pesquisa descritiva, pois esta busca conhecer as diversas situações e relações que ocorrem na vida social. Vale ressaltar que a mesma assume a forma de uma pesquisa de

opinião, onde procuramos saber o ponto de vista e preferências das entrevistadas a cerca do tema foco do nosso trabalho.

Referente ao tipo de instrumento de pesquisa escolhido, utilizamos da entrevista, pois este se torna necessário para facilitar tal pesquisa, já que induz a análise do contexto no qual pretendemos direcionar nossa pesquisa, facilitando também a coleta de dados. Assim, segundo Gressler (2004, p. 164):

A entrevista consiste em uma conversação envolvendo duas ou mais pessoas com o propósito de se obter informações para uma investigação. Contudo não é somente uma simples conversa, mas, sim, uma conversa orientada para um objetivo definido.

Assim, entrevistamos duas professoras que lecionam a disciplina de geografia, a fim de descobrir se estas desenvolvem uma metodologia pedagógica voltada para a ação e reflexão dos seus alunos, bem como, a posição delas a cerca da identidade profissional.

Desta forma, iniciamos a entrevista perguntando o que significa ser professor (a) de geografia, onde de acordo com as respostas, constatamos que ser professor de geografia é ser o mediador da ligação entre o espaço e o conhecimento, onde se deve estar sempre conectado com o mundo globalizado, pois o presente está em constante transformação, e essas mudanças implicam no ensino da geografia. É importante que o docente esteja atento a novos conteúdos e novos métodos que se incorporam na didática atual da geografia, levando assim, os alunos a pensarem e refletirem sobre a geografia contemporânea.

Em seguida questionamos as professores sobre os seus processos de formação acadêmica. Foi possível constatar inicialmente que a professora 1 é graduada em pedagogia e a professora 2 é graduada em história, porém possui especialização em geografia. Logo após, é possível constatar que a graduação é encarada como algo muito importante para a vida profissional dessas docentes, onde as experiências pessoais e a bagagem social também fazem parte dessa construção de identidade.

Quando questionadas sobre como o professor aprende a ensinar, as respostas se assemelham muito, pois as duas entrevistadas concordam que esse processo se dá através das experiências vivenciadas em sala de aula, pois não há um manual pronto e acabado, é a prática associada à teoria, pois ambas caminham juntas. Percebemos pelas falas que o curso de graduação forneceu a parte teórica, e de certa forma uma prática promovida pelo estágio, porém é realmente no dia-a-dia da sala de aula que se aprende de verdade, através da interação com os alunos.

É importante ressaltar que é na relação com os outros que a auto identidade se concretiza, pois não existe um “eu” ou um “nós” senão diante do outro. Atualmente, cada vez mais, a singularidade de cada indivíduo aparece como um valor, e a construção da identidade se apresenta como um processo que envolve a ação do próprio indivíduo.

Tendo em vista que a construção de identidade profissional é um processo sócio histórico que vai muito além da formação acadêmica, isto é, que está rodeado pelas representações sociais e experiências pessoais, que por sua vez está sempre em construção, questionamos as professoras a seguinte questão: “Você acredita que o professor traz para a sua prática profissional toda a sua bagagem social?”. Pelas respostas foi possível verificar que as duas concordam com o fato e acreditam que não há como por em pratica os conteúdos que são trabalhados na sala de aula e dissociar eles do seu contexto histórico, da sua inserção na sociedade, pois a docência vai muito além do somente dar aula, tornando-se importante formar cidadãos críticos e atuantes dentro da nossa sociedade atual. Portanto é importante que o professor leve para a sala de aula a sua bagagem social.

Quando questionadas sobre os elementos que caracterizavam a sua identidade profissional, foi possível constatar que o compromisso, o respeito com os alunos, o relacionamento com os pais e com todos os segmentos da escola em si, são fatores muito importantes para a construção de suas identidades, porém o maior fator que podemos aqui citar é o amor pela profissão, o prazer em ensinar e a identificação com algumas disciplinas distintas, entre elas a geografia.

Quando perguntadas se elas se consideravam professoras que oportunizavam o desenvolvimento crítico e reflexivo de seus alunos, e como se dava esse processo de desenvolvimento, pode-se verificar através das respostas que as mesmas procuravam fazer o possível pra desenvolver essa criticidade e essa reflexão nos alunos, para tal as professoras afirmaram que sempre procuravam dar oportunidades aos seus alunos de pesquisar e investigar. Para as docentes, o maior objetivo de uma formação crítica e reflexiva é garantir aos estudantes uma formação cidadã que auxilie na atuação constantemente em uma sociedade contemporânea que gira em torno da tecnologia, uma sociedade que exige profissionais qualificados e criativos.

Perguntamos as docentes a seguinte questão: “Que papel você acha que o professor de geografia deve cumprir na sociedade atual?”. Conforme as respostas foi possível constatar que como todos os outros docentes o principal papel do professor de geografia é formar cidadãos e dentro dessa formação contribuir para a construção de conhecimentos, de pessoas mais criticas, mas conscientes, mais reflexivas e responsáveis pelas ações e pelas

transformações que acontecem na nossa sociedade atual. Cabe também ao professor ser um orientador e um facilitador da aprendizagem, não sendo apenas um transmissor de conhecimentos, mas levando os seus alunos a pensar e refletir sobre diversas situações do seu cotidiano e do mundo.

Por fim, quando questionadas se os conteúdos acadêmicos apreendidos na universidade se aplicavam na sala de aula, as duas docentes concordaram que a maioria dos conteúdos sim, porém outros acabam apenas servindo de aprendizado intelectual. Vale ressaltar que as mesmas afirmam que é somente através da prática e de experiências vividas que se consegue chegar a uma práxis verdadeira.

#### **4 Considerações Finais**

Após, as diversas discussões a cerca da identidade profissional na perspectiva de um docente crítico e reflexivo, podemos concluir que para construir sua identidade o professor, especificamente no ensino da geografia, deve trabalhar com um novo olhar, agir, compreender e refletir. Procurando em sua práxis, trabalhar a geografia a partir de um novo pensar sobre o seu papel enquanto mediador de um conhecimento que visa à formação de sujeitos críticos dentro de uma sociedade que se encontra em constante transformação.

Sendo assim, verificamos que as professoras entrevistadas desempenham na disciplina de geografia práticas críticas e reflexivas que favorecem o processo de ensino-aprendizagem dos seus educandos, e conseqüentemente, constroem a sua identidade por meio do diálogo e da interação com os alunos, partilhando de experiências e de aprendizagens. Vale ressaltar que as mesmas demonstram gostar muito de sua profissão, estando sempre abertas para novos conhecimentos, buscando estar sempre informadas de modo a estarem sempre inovando suas práticas metodológicas, tendo como suporte a geografia contemporânea.

#### **Referências**

CAVALCANTI, Lana de Souza. Ciência geográfica e ensino de geografia. In: \_\_\_\_\_. **Geografia, Escola e Construção de conhecimentos**. 9ªed. Campinas, SP: Papirus, 1998, p. 15 – 18.

\_\_\_\_\_. A formação profissional: princípios e propostas para uma atuação docente crítica. In: \_\_\_\_\_. **O ensino de geografia na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2012, p. 13 – 38.

\_\_\_\_\_. Geografia escolar e procedimentos de ensino de uma perspectiva socioconstrutivista. **O ensino de geografia na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2012, p. 175 – 199.

CUNHA, Maria Isabel da. O bom professor para o aluno de hoje. In: \_\_\_\_\_. **O bom professor e sua prática**. Campinas, SP: Papyrus, 1989, p. 61 – 68.

GOMES, Alberto Albuquerque. **A construção da identidade profissional do professor**: uma análise de egressos do curso de Pedagogia. In: Congresso Português de Sociologia - mundos sociais: saberes e práticas, nº VI, 2008, Lisboa. Disponível em: <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/590.pdf>. Acesso: 2 de Ago. 2014.

OLIVEIRA, Camila Alberto Vicente de; GOMES, Alberto Albuquerque. **O conceito de identidade profissional em professores**. Disponível em: <http://www.uninove.br/PublishingImages/Mestrados%20e%20Doutorados/edu/I%20seminario/P%C3%94STER%201.pdf>. Acesso: 2 de Ago. 2014.

OLIVEIRA, Maria Marly de. Pressupostos básicos da pesquisa qualitativa. In: \_\_\_\_\_. Como fazer pesquisa qualitativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 37 – 42.

PEREIRA, D. **Geografia escolar**: uma questão de identidade. In: Cadernos Cedes, 39: ensino de geografia, Campinas, Papyrus, 1996.

SÓL, Vanderlice dos Santos Andrade. **Formação de Professores e Identidade Profissional**. Disponível em: <http://www.ichs.ufop.br/memorial/conf/mr7d.pdf>. Acesso: 1 de Ago. 2014.